



Dinheiro como Contabilidade

© *Fionn Meier*

Tradução: Maria Lúcia Sigolo

Revisão: Daniel Havro da Silva

Material de estudo publicado como uma contribuição ao debate público. Comentários para o autor são sempre bem-vindos: economics@goetheanum.ch

Parte de qualquer venda se destina ao financiamento de pesquisa em economia associativa. Por favor respeite direitos autorais, senão como os autores sobreviveriam.

Dinheiro como Contabilidade

Uma breve reflexão sobre a história do dinheiro do ponto de vista de que dinheiro é, essencialmente, sempre uma forma de contabilidade que, quando entendida como um espelho da evolução da consciência humana, pode ser vista como algo que evoluiu em três estágios¹

O dinheiro é onipresente. Ao mesmo tempo ele parece estar desaparecendo cada vez mais. Devido ao progresso dos anos recentes, hoje em dia precisamos de cada vez menos notas e moedas. Não somente recebemos nossa renda diretamente em nossas contas, como também é crescente o uso de transferência eletrônica quando pagamos nossas compras diárias. Nesse processo, nenhuma nota ou moeda é trocada por bens e serviços. Tudo que resta são números. Números contábeis.

Esse desenvolvimento deu a alguns historiadores e economistas a ideia do “fim do dinheiro”. Em breve viveremos numa economia na qual o dinheiro vivo vai parar de circular e apenas cifras em contas vão refletir o processo econômico. No fundo, em princípio, o dinheiro nada mais é do que; sempre foi, é agora, e sempre será, uma forma de contabilidade. Neste momento da história da humanidade podemos, finalmente e de forma generalizada, entender que essa é a própria essência do dinheiro como tal?

Teoria da mercadoria e teoria legal

Em economia hoje existem, via de regra, duas visões opostas a respeito da própria natureza do dinheiro: a teoria da mercadoria (Metalismo) e a teoria legal (Cartalismo). No entanto nenhuma das duas considera dinheiro como contabilidade, e sim como um “algo” que possui propriedades específicas.

A teoria da mercadoria considera o caráter de mercadoria como a propriedade essencial do dinheiro. O dinheiro é aceito pelo seu valor intrínseco (isto é, ouro ou moedas de prata). A teoria legal, por outro lado, afirma que a característica essencial do dinheiro é sua emissão oficial e protegida (ou seja, moedas de bronze e notas bancárias sem lastro). É aceito porque temos que utilizá-lo para pagar tributos.

Dependendo de qual atributo se assume, há uma estória correspondente sobre como o evoluiu o dinheiro. A questão é qual estória corresponde à visão do dinheiro não como uma “coisa”, mas como contabilidade? Alguém conseguiria entender as representações históricas frequentemente contraditórias em sua real coerência interna? E com que discernimento (insight), poderia contribuir para resolver os desafios de hoje?

¹ Originalmente publicado em alemão no *Das Goetheanum, Wochenschrift für Anthroposophie*, 17.11.2017 (Nº 47) e traduzido para o português da versão em inglês realizada por Christopher Houghton Budd, esse artigo é uma versão sumarizada (e parcialmente expandida) da palestra apresentada durante o *Rudolf Steiner Research Days* (1 a 3 - set/2017) no *Fields Center, Nailsworth, England* referente à parte histórica da tese de mestrado: “Dinheiro como Contabilidade, Questões Históricas e Teóricas”. Nesse contexto, apesar das ideias aqui apresentadas serem resultado de pesquisa independente, eu gostaria de agradecer a Marc Desaulles, Christopher Houghton Budd e Cristóbal Ortín, que foram essenciais nessa jornada.

A Administração do Templo na Mesopotâmia: Contabilidade de partidas simples centralizada

Iniciamos nossa reflexão sobre a história do dinheiro com a alta cultura da Mesopotâmia, ou seja, cerca de 3000 anos antes do nascimento de Cristo. Naqueles tempos, a sociedade era administrada por sacerdotes do templo e uma economia de mercado, como a conhecemos hoje, não existia. Os sacerdotes do templo eram responsáveis pela vida espiritual, pela vida jurídica e pela vida econômica, que formavam uma unidade indiferenciada.

Os templos através de uma administração complexa, gerenciavam os meios de produção, e a produção e distribuição dos bens. Moedas e notas ainda não haviam surgido. Para cuidar da administração econômica, todos os processos econômicos eram contabilizados. Com esse propósito foi desenvolvido um sistema de sinais (que somente mais tarde se tornou a escrita). Marcados em plaquetas de argila, estes signos possibilitaram o registro das horas trabalhadas, volumes de produção e distribuição de bens de forma acurada.

A administração do templo determinava os preços das mercadorias em prata ou em quantidades de cereal. Essas unidades de conta tornaram possível registrar o processo econômico. Dificilmente algum processo econômico seria desconsiderado. Na pesquisa histórica esse sistema de plaquetas de argila é comparado com os nossos modernos sistemas contábeis mantidos por computadores. No entanto, apesar da semelhança, existem duas diferenças fundamentais. Por um lado, é evidente que contabilidade, diferentemente das tradições escritas, era conduzida em nome e a mando dos deuses. Por outro lado, a contabilidade utilizada era de partida simples ao invés do sistema de partidas dobradas de hoje.

Cunhagem de moedas na Grécia e em Roma: contabilidade externalizada

Por volta de 700 anos antes de Cristo, começa um novo desenvolvimento. Emergem pela primeira vez estruturas estatais com legislação formal na região da Grécia atual. E ali também surgia a cunhagem de moedas. Enquanto na antiga Mesopotâmia os trabalhadores e servidores dos templos eram remunerados com rações, agora eles eram pagos em moedas com a marca da cidade-estado em que foram cunhadas.

As primeiras moedas cunhadas foram emitidas pelos templos. No entanto, o principal fator que contribuiu para sua propagação foi o pagamento em moeda para os funcionários do estado, especialmente os militares. Graças as campanhas de Alexandre o Grande, a cunhagem chegou ao Oriente, selando o destino do antigo sistema de contabilidade dos templos. Os Romanos introduziram então a cunhagem no norte da Europa e na Inglaterra, de onde propagou-se para praticamente todo o mundo.

A contabilidade de partida simples escrita desapareceu. No entanto, se observarmos a função contábil como sendo a própria essência do dinheiro, podemos afirmar que a contabilidade não cessou, mas - de forma transformada – realizava-se agora por meio da moeda: a transferência de uma moeda (ou uma nota) é apenas uma forma externalizada de contabilidade. Um processo que previamente se manifestava em números era agora carregado virtualmente no plano material, dando liberdade aos indivíduos de dispor de suas receitas e despesas independentemente de autoridades externas.

A revolução comercial na Itália: contabilidade de partidas dobradas descentralizada.

Ao final do século doze, onde é agora o norte da Itália, iniciou-se um outro desenvolvimento decisivo. Por um lado, as pessoas começaram a enxergar-se como sendo “indivíduos espirituais”, por outro lado descobriam o “mundo objetivo”. A perspectiva no desenho e a contabilidade de partidas dobradas emergiam, esta última concomitantemente ao início de uma vida econômica autônoma, independente da igreja e do estado.

Pela primeira vez, despontou uma vida econômica fundamentada em si própria, que se manifestou especialmente através do recém-criado sistema monetário, nascido inteiramente da atividade empreendedora. O colapso do Império Romano também levou ao colapso de seu sistema monetário baseado no dinheiro. No contexto da resultante confusão monetária, empreendedores, começando pelo norte da Itália, desenvolveram uma rede Europeia de comércio e pagamentos que não era mais mediada pela troca de moedas, mas por meio de débito e créditos. Foram organizados grandes mercados que duravam muitas semanas. Empreendedores de toda Europa viajavam para participar deles e eram apenas escriturados débitos e créditos pelos “bancos comerciais” e periodicamente feita a compensação entre eles — um processo que só foi possível devido à confiança, cooperação e o uso da contabilidade de partidas dobradas.

Essa natureza autônoma da vida econômica também se reflete no desenvolvimento das corporações modernas. O capital desvinculou-se da corrente hereditária e foi levado para a circulação mais geral. Graças às novas formas de corporação, cada um se tornou capaz de capitalizar seu projeto empreendedor, desde que conseguisse convencer outros a lhe emprestar. A habilidade tornava-se decisiva, não mais a origem. A confiança em investimentos recíprocos tinha sido criada através do uso da contabilidade de partidas dobradas, o que permitiu negociantes retratarem a capitalização e sucesso das suas atividades empreendedoras de maneira precisa.

O processo contábil econômico foi assim levado a um terceiro nível. Dinheiro tomou então a forma descentralizada da contabilidade de partidas dobradas. Essa forma de dinheiro não somente permitiu uma livre disposição de receitas e despesas, mas também a um uso individual e livre do capital.

Sistema monetário híbrido

O desenvolvimento subsequente do dinheiro econômico não-nacional foi interrompido pela emergência dos estados nacionais. Sob o Mercantilismo (o avanço dos interesses econômicos de sua própria nação), a emissão via cunhagem de moedas dos estados reavivou-se e provocou o retrocesso dos bancos comerciais e de suas redes de pagamento. Isso foi bastante pronunciado na Inglaterra, que no século dezesseis, quase mil anos após a queda do Império Romano, reconstruiu um sistema monetário praticamente idêntico àquele.

No curso subsequente da história, ao invés de um dinheiro de contabilidade não nacional, originado na economia, desenvolveu-se um sistema “híbrido”. Através da criação de bancos estatais, os estados nacionais obtiveram acesso e controle sobre a rede de pagamentos dos bancos comerciais. Emergiram sistemas monetários baseados em depósitos nos bancos dos estatais e em notas emitidas pelos estados nacionais.

Um grande desvio

Durante a expansão dos bancos estatais, ocorre uma tendência oposta – a emergência de uma economia mundial globalmente integrada. Assim os estados nacionais individuais vincularam suas moedas ao ouro a uma taxa fixa. Disso resulta um sistema monetário internacional – o padrão ouro – que colapsou com a Primeira Guerra Mundial, colocando a humanidade pela primeira vez diante da necessidade de uma moeda para o mundo.

Rudolf Steiner, no curso para estudantes de economia no verão de 1922, apontou que o dinheiro deveria ser visto no futuro como uma “contabilidade mundial fluida”, um sistema de compensação de débitos e créditos. Em 1944, na Conferência de Bretton Woods em New Hampshire, o economista britânico, John Maynard Keynes apresentou sua ideia de uma casa de compensações internacional, originalmente proposta em 1941, que a princípio teria sido uma implementação prática da ideia de Steiner de uma contabilidade mundial.

Nem Steiner nem Keynes foram ouvidos. Depois da Primeira Guerra Mundial, contrariamente ao aconselhamento e avisos de Keynes, políticos restauraram o padrão ouro do pré-guerra. Depois da Segunda Guerra Mundial, os Americanos tiraram vantagem do momento e, desconsiderando a proposta de Keynes, criaram um sistema financeiro que privilegiou o dólar americano como moeda de reserva mundial. Com a crise financeira no início do século XXI, este sistema colapsou, e nós estamos uma vez mais diante da questão de um único dinheiro para o mundo – só que dessa vez é uma questão urgente.

Contabilidade Mundial = Contabilidade-do-Eu

Das considerações precedentes surge uma conexão íntima entre a contabilidade de partidas simples dos sacerdotes dos templos e a contabilidade de partidas-dobradas empreendedora de hoje. Naquele tempo, os sacerdotes dos templos faziam a contabilidade em nome e a serviço dos deuses, que naquela época direcionavam de fora os destinos da humanidade. Mas agora, passada a morte do Cristo no Gólgota, hoje, essa responsabilidade deve ressuscitar diretamente nas almas humanas.

Da mesma maneira, a forma da contabilidade mudou. A contabilidade de partidas dobradas é hoje, no mesmo sentido, um instrumento do deus ressurreto dentro do ser humano, assim como a contabilidade de partidas simples nos tempos pré-Cristãos era um instrumento dos deuses de fora dos seres humanos. No deus ressurreto, o mundo espiritual hoje vive no Eu do indivíduo. Quando a contabilidade de partidas dobradas é usada a serviço dessa divindade interior - para iniciativas que servem ao progresso da humanidade – é, ao mesmo tempo, uma contabilidade individual e mundial.

Atualmente, o passo necessário para o “dinheiro mundial” é, portanto, primordialmente, um passo de consciência. Quando isso ocorre, a contabilidade de partidas dobradas permite às pessoas iluminarem suas iniciativas individuais a partir do ponto de vista do mundo e também coordená-las conscientemente com outras iniciativas. Assim, a contabilidade individual de partidas dobradas é não somente o primeiro passo na direção da contabilidade mundial, mas também um instrumento de coordenação do nosso querer individual com outros de nossos companheiros seres humanos – em outras palavras, é um instrumento de criação do carma solar.

Excursão: Contabilidade de partidas dobradas

Toda a atividade econômica tem dois lados. Por exemplo, se compramos uma amassadeira para fazer pão, teremos uma saída de um certo montante. Mas como será pago? À vista ou através de um empréstimo? A contabilidade de partidas dobradas nos oferece ambos os conjuntos de informações. Por um lado, todas nossas receitas e despesas são registradas. Se observarmos os cálculos de nossas receitas e despesas (também chamado demonstrativo de resultado), veremos exatamente refletido nosso passado (vermelho). O balanço (azul) mostra do lado dos bens e direitos (também chamado ativo) o que temos à disposição para realizar nossas iniciativas (nossos “meios de produção”), e do lado das obrigações (também chamado passivo), mostra como somos financiados, por dívidas ou capital próprio. Entre a conta de receitas e despesas e o balanço patrimonial, ao mesmo tempo conectando os dois lados, repousa um mistério — os lançamentos de fechamento do exercício (amarelo). Aqui, o espírito livre do ser humano se encontra espelhado.

CA		Friends		Machine		Flour		Sales	
100	100		-100	70	70				
	30						10	10	
	20						10	20	
50	70								50
	60								30
30	90								80
	60	30		70					0
✓	0	60		0					✓
CA		B/S		I+E		Flour		Sales	
60	60	70	70	80	80	20	-60		
Machine	70	60	60	Flour	20	50	-10		
		70	70	LLC	50	10	0		
		50	50	Surplus	10	0			
		10	10	✓					
		0	0						
		✓							

Marc Desaulles, reunião do Economics Conference, Folkestone - junho/2016.